

UMA COMPARAÇÃO DAS INSTÂNCIAS NARRATIVAS EM CHARAUDEAU E PEYTARD

Lucas Piter Alves Costa¹

Resumo: Patrick Charaudeau e Jean Peytard trabalharam os desdobramentos do sujeito durante um discurso narrativo. Charaudeau, com sua *Teoria dos Sujeitos da Linguagem* através do seu *Modo de Organização do Discurso Narrativo*, e Peytard, com sua *Topografia das Instâncias do Campo Literário*. Os dois modelos compartilham a concepção de que um sujeito ocupante de uma instância situacional, sócio-histórica, é diferente do sujeito ocupante de uma instância discursiva e que assume a função de escritor. Diante desses pressupostos, o objetivo deste trabalho é apresentar como Charaudeau e Peytard trabalharam as instâncias de sujeito que compõem o discurso narrativo.

Palavras-chave: discurso narrativo; instância ergo-textual; instância situacional; diegese.

Résumé: Patrick Charaudeau et Jean Peytard ont travaillé les développements du sujet dans un discours narratif. Charaudeau, avec sa *Théorie des Sujets du Language*, à travers de son *Mode d'Organisation du Discours Narratif*, et Peytard, avec sa *Topographie des Instances du Champ Littéraire*. Les deux modèles partagent le point de vue dont un sujet occupant d'une instance situationnelle, socio-historique, est différent de la personne occupant d'une instance discursive qui assume le rôle de l'écrivain. Compte tenu de ces hypothèses, le but de cet article est de présenter comment Charaudeau et Peytard ont travaillé les instances du sujet qui composent le discours narratif.

Mots-clés: discours narratif; instance ergo-textuelle; instance situationnelle; diégèse.

Considerações Iniciais

Com este trabalho, pretendemos apresentar como Patrick Charaudeau (2008) e Jean Peytard (2007 [1983]) trabalharam, cada um ao seu modo, as instâncias de sujeito que compõem o discurso narrativo, e, depois, comparar as duas propostas, salientando seus pontos convergentes e divergentes.

Com base no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso (BRANDÃO, 2004; CHARAUDEAU, 2008; MELLO, 2006; dentre outros), sobretudo a de linha francesa, postulamos que o sujeito se desdobra em instâncias que comportam efeitos de sentidos

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos pela UFMG. Mestre em Letras pela UFV. Bolsista FAPEMIG. Contato: johannlufter@yahoo.com.br.

próprios, pois é próprio também um tipo de trabalho com a linguagem de cada instância. O sujeito que enxergamos na AD é histórico, portanto, variável: à sua imagem agregam-se sentidos ao longo do tempo e do espaço de sua atuação. O sujeito é ainda heterogêneo, polifônico. Sendo assim, o sujeito é também fragmentado e desdobrado: o texto narrativo se forma em *camadas*, em *níveis*, ou em *instâncias*, de modo que em cada uma dessas instâncias se instala um fragmento/desdobramento desse sujeito. O sujeito se assume num ato de tomada da fala, instituindo nessa tomada o seu interlocutor: ele se define em relação ao Outro, em um processo dialógico.

Charaudeau (2006), sobre o discurso das mídias, tece considerações sobre o uso do termo *instâncias* para se referir aos lugares de ocupação das entidades que chamamos de *sujeitos do ato de linguagem*:

Se falamos de instância é porque o que preside a produção da comunicação midiática é uma entidade compósita que compreende vários atores: os da direção [...]; os da programação [...]; os da redação [...]. Todos contribuem para fabricar uma enunciação aparentemente unitária e homogênea do discurso midiático, uma co-enunciação, cuja intencionalidade significativa corresponde a um projeto comum a esses atores e do qual se pode dizer que, por ser assumida por esses atores, representa a ideologia do organismo de informação. (CHARAUDEAU, 2006, p. 73).

A concepção de instâncias adotada serve, com suas devidas adaptações, a qualquer discurso: literário, político, narrativo, etc., pois não se trata de uma *pessoa física e biológica* que fala, mas de um *lugar de fala* que a *pessoa*, a *empresa* ou outra *entidade* possa ocupar.

Aquele que fala representando um grupo dentro de uma instituição discursiva nomeada é personificado por essa mesma instituição como uma pessoa fictícia, uma entidade feita de discursos para o discurso. Podemos, em alguns discursos, falar ainda de *instância autoral*. A instituição discursiva cria o autor ao criar um nome que remeta ao lugar de enunciador. Em contrapartida, esse *nome* e/ou a *entidade* que o representa recebe(m) o “[...] direito de falar e de agir em nome do grupo, de ‘se tomar pelo’ grupo que ele encarna, de se identificar com a função à qual ‘se entrega de corpo e alma’, dando assim um corpo biológico a um corpo constituído [discursivamente].” (BOURDIEU, 2008, p. 83). Essas colocações não só retomam Foucault (1992), como também nos permitem atribuir um único “corpo autoral” às instâncias/entidades compósitas.

O termo *instância* traz significado e importância similares nas duas propostas teóricas de que falaremos a seguir: a Semiolinguística, de Charaudeau (1992; 2008), e a Topografia das Instâncias do Campo Literário, de Peytard (2007 [1983]).

Parceiros e protagonistas da encenação narrativa

Abordaremos nesta seção as instâncias da enunciação em textos narrativos a partir do dispositivo da encenação da linguagem proposto pela Teoria Semiolinguística (CHARAUDEAU, 1992, 2008). A Semiolinguística se insere no campo da Análise do Discurso como uma teoria dos sujeitos da linguagem. Esses sujeitos são definidos como *parceiros e protagonistas* no ato de linguagem, situados necessariamente como as instâncias produtora e receptora na *encenação linguageira* da narrativa.

Os sujeitos da encenação narrativa configuram o ato de linguagem se inserindo nele, conscientemente ou não, através de dois *circuitos* de produção de sentido, indissociáveis um do outro e que constituem o todo desse ato. Esses circuitos, que representam a maneira pela qual a troca linguageira se dá, alocam representações de sujeitos específicas no processo de comunicação. São eles:

(1) O *circuito externo*, que representa a ancoragem sócio-histórica do ato de linguagem e, portanto, aloca sujeitos *agentes* com identidade social (EUc e TUi).

(2) O *circuito interno*, que representa a ancoragem discursiva do ato de linguagem e, portanto, aloca sujeitos *de fala* com identidade discursiva (EUe e TUD).

A inserção dos *sujeitos* da encenação linguageira da narrativa se dá através de seus desdobramentos em *sujeitos parceiros e protagonistas*. Os *parceiros* do ato de linguagem se inserem no circuito externo como sujeito-comunicante (EUc) e sujeito-interpretante (TUi), e são constituídos *seres agentes*; e no circuito interno, os *protagonistas* se inserem como sujeito-enunciador (EUe) e sujeito-destinatário (TUD), constituindo-se em *seres de fala*.

Desse modo, dizemos que o *circuito externo* é o espaço *real* do ato de comunicação, em que os sujeitos são reconhecidos e sobredeterminados por suas *realidades* sócio-históricas. Porém, tal como Charaudeau (2008, p. 51): “Não conferimos a *real* um valor absoluto. Não consideramos que haja em algum lugar uma realidade fixa, indiferente à linguagem e mais verdadeira que ela.” Por seu turno, o *circuito interno* é o espaço da *fala configurada*, em que os sujeitos assumem *posicionamentos discursivos* vinculados à prática de linguagem em questão.

Em outros termos, no circuito externo do ato de linguagem, os sujeitos são pré-determinados pelas *circunstâncias de comunicação*; e no circuito interno, encontramos sujeitos com identidades discursivas, que existem somente quando tal ato de linguagem é colocado em prática. Durante a criação de um texto narrativo, ou durante a leitura desse texto narrativo pelo sujeito-interpretante, a instância do sujeito-comunicante se desdobra na

instância do sujeito-enunciador. Assim, sob essa ótica, podemos dizer que *quem* “[...] *conta* (uma história) não é *quem escreve* (um livro) nem *quem é* (na vida)” (CHARAUDEAU, 2008, p. 183).

A essas noções gerais sobre o dispositivo da encenação da linguagem acrescentamos que EUc e TUi são designados como autor e leitor *reais* no caso de uma encenação da linguagem voltada à produção/recepção de uma obra narrativa impressa, como um romance ou um texto narrativo. Isso porque a noção de autoria exerce influência no modo de apreender tal enunciação (e vice versa: um tipo de enunciação influencia na noção de autoria).

Do lado da produção, o indivíduo situado no mundo sócio-histórico assume um papel discursivo e se institui como um *autor*. Esse papel é o seu posicionamento diante do exercício literário, é um *maskaramento de identidade*, ou melhor, é a projeção de uma entidade que movimentará o discurso. Conforme Maingueneau (2006, p. 152), pode-se “[...] chamar de *vocação enunciativa* esse processo através do qual um sujeito se ‘sente’ chamado a produzir literatura”, ou, no nosso caso, a produzir textos narrativos.

Muitos autores defendem essa diferença entre o autor no mundo *real* (EUc) e o autor no espaço discursivo (EUe). Mikhail Bakhtin “[...] distingue o autor-pessoa (isto é, o escritor, o artista) do autor-criador (isto é, a função estético-formal engendradora da obra)” (FARACO, 2005, p. 37); Foucault (1992) fala em uma *função-autor* que se instaura simultaneamente ao apagamento do sujeito/indivíduo empírico, sendo que “[...] o que no indivíduo é designado como autor (ou o que faz de um indivíduo um autor) é apenas a projeção [...] do tratamento que se dá aos textos” (FOUCAULT, 1992, p. 51). Genette (1983) fala em *autor implicado* na tentativa de atribuir a responsabilidade da narrativa a uma entidade que não seja o *autor empírico*. Charaudeau (2008) também considera que autor (EUc) e leitor (TUi) desempenham papéis duplos cada um:

(1) O autor (EUc) é autor-indivíduo (*personne*; identidade social ancorada no mundo sócio-histórico) e autor-escritor (*écrivain*; função social atrelada à instituição discursiva).

(2) O leitor (TUi) é leitor-real (*personne*; identidade social ancorada no mundo sócio-histórico) e leitor-possível (*lecteur*; identidade virtual com competência de leitura atrelada ao projeto de escritura do autor-escritor).

O esquema seguinte visa facilitar o entendimento da encenação narrativa proposto por Charaudeau (2008):



Figura 1: Dispositivo da encenação narrativa.
Charaudeau (2008).

Salvaguardando as especificidades de cada termo, todas as noções que arrolamos acima têm algo em comum: elas consistem em ver uma diferença entre o *ser social e individual* do autor e o *ser discursivo e fragmentário* do escritor. Essa duplicidade nos leva a indagar se o lugar atribuído ao *narrador* no dispositivo acima não faria acreditar que o EUe pode ser tomado por algum narrador machadiano, como Bento Santiago, por exemplo, fazendo-o ser responsável pelo texto literário, em detrimento da figura do autor-escritor. A proposta de Peytard (2007 [1983]) vem corroborar essas indagações, como veremos.

Os sujeitos da topografia das instâncias

Em 1983, Jean Peytard publicou um artigo intitulado *La place et le statut du 'lecteur' dans l'ensemble 'public'*² na revista *Semen* n. 1, cuja temática foi *leitura e leitor*. A proposta de Peytard (2007 [1983]) partiu de questões sobre o sujeito na comunicação literária, e buscou evidenciar “[...] como um ‘autor’ realiza o ato de ‘doador’ do texto ao ‘público’ que o é o receptor beneficiário, e como no público um ou mais leitores se constituem com tal.”³ (PEYTARD, 2007 [1983], web, tradução nossa).

Em sua empreitada, Peytard (2007 [1983]) se apoiou em autores como J. Schmidt, F. Vernier, P. Bourdieu e Ph. Lejeune, de onde reteve noções teóricas importantes, como *habitus*, capital cultural, contrato literário, etc. Essas e outras noções lhe permitiram elaborar

² Uma tradução aproximada: *O lugar e o estatuto do “leitor” no conjunto “público”*. Entendemos que o *público* aqui possa estar significando o *conjunto todo do público*, não só a *instância* homônima que o autor apresenta em sua *topografia*.

³ Texto original: [...] comment un «auteur» réalise l’acte de «donateur» du texte au «public» qui en est le récepteur bénéficiaire, et comment dans le public un ou des lecteurs se constituent comme tels.

seu próprio constructo teórico que ele chamou de *Instâncias do campo literário*, modelo que se organiza em três instâncias, cada uma contendo, por sua vez, duas instâncias de sujeitos, formando um modelo hierárquico que ele chamou de *topografia*. Ei-las:

(1) Instância situacional (lugar do sociodiscurso e do interdiscurso), em que autor e público estão *localizados*.

(2) Instância ergo-textual⁴ (lugar de uma elaboração, de um *trabalho de linguagem*), em que *scriptor* e *lector* realizam seu *ato de elaboração da linguagem*.

(3) Instância textual (lugar textual em que se inscrevem os *papéis*), cujos sujeitos são perceptíveis nos *traços scriptoriais* e *lectorais*; os traços do narrador, do narratário; os *traços* dos atores/personagens.

Para Peytard (2007 [1983]), as imagens dos sujeitos *autor* e *leitor* e seus respectivos desdobramentos não são *peças* de fato, ou seres personalizados, ou “[...] qualquer imagem mais ou menos animista e psicologizada”⁵ (PEYTARD, 2007 [1983], web, tradução nossa). Para evitar essa impressão sobre esses sujeitos, o autor também usou o termo *instâncias*, “[...] que se refere ao mesmo tempo a um *lugar* textual, extratextual ou sociocultural, e uma *dinâmica*, ou seja, um entrecruzamento de ações e reações que trabalham este *lugar*”⁶ (PEYTARD, 2007 [1983], web, tradução nossa). Na figura a seguir, contemplamos as instâncias em que se situam os sujeitos da comunicação literária.

⁴ *Ergon*, que originou o neologismo *ergo-textual*, é uma palavra grega que significa “trabalho”. Têm-se assim, com *ergo-textual*, o lugar e o ato de trabalhar o texto. Vale como exemplo também a palavra “Ergonomia”: “*ergon*” que significa trabalho, e “*nomos*” que significa leis.

⁵ Texto original: [...] *toute image plus ou moins animiste et psychologisée* [...].

⁶ Texto original, de onde tentamos uma tradução aproximada: [...] *qui désigne à la fois un lieu du texte ou du hors-texte socio-culturel, et une dynamique, c'est-à-dire, un entrecroisement d'actions et réactions qui travaillent ce lieu* [...].

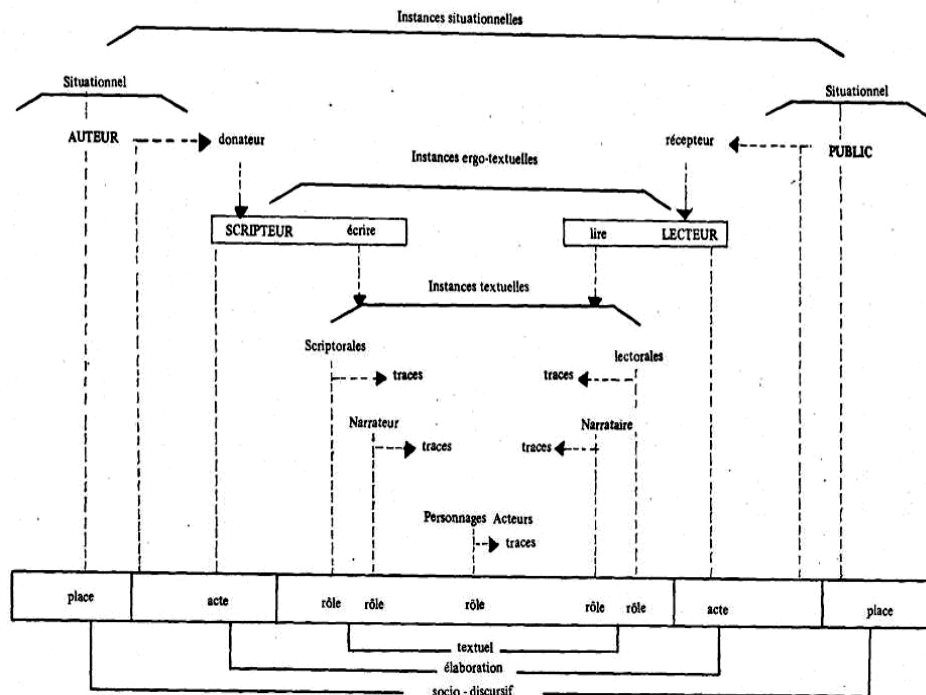


Figura 2: Topografia das instâncias do campo literário.
(Peytard (2007 [1983])).

Em termos gerais, podemos dizer, assim, que a enunciação de uma obra narrativa comporta três instâncias com seus respectivos sujeitos. Nela, podemos notar uma instância *enunciada* (lugar de um narrador e um narratário), uma instância *enunciativa* (lugar de um autor e um leitor *implicados*) e uma instância *sócio-histórica* (lugar de um autor e um leitor *reais*).

Confluência e coincidência

Abordamos, de maneira genérica, as diferenças e semelhanças das propostas de Charaudeau (2008) e Peytard (2007 [1983]) no que concerne a abordagem do texto narrativo ficcional para, em seguida, tentarmos uma síntese dessas propostas.

Os dois modelos apresentados aqui compartilham a concepção de que um sujeito autor (enquanto ocupante de uma instância situacional, sócio-histórica e mais empírica, possuidor de um *nome próprio*) é diferente daquele outro sujeito autor (ocupante de uma instância discursiva, e que põe em prática um projeto de fala, que faz enunciar, que escreve a obra e que é nomeadamente responsável por ela por meio de um *nome próprio de escritor*) que assume a função de escritor. Há diferença entre um sujeito *que é* (na vida), um sujeito *que escreve* (a obra) e um sujeito *que conta* (a história).

A proposta de Charaudeau (2008) coloca o sujeito *que é* no mesmo nível que o sujeito

que escreve: ambos formam a figura do autor como um EUc, no nível externo. Essa mesma proposta coloca o sujeito *que conta* em outro nível, formando a figura do narrador como o EUe, no nível interno. A proposta de Peytard (2007 [1983]), no entanto, coloca em três níveis diferentes e interdependentes os sujeitos supracitados: o *que é*, o *que escreve* e o *que conta*, deixando metodologicamente visível a diferença entre autor, escritor e narrador.

Vejamos como podemos associar as duas propostas. Ao apresentar o mesmo dispositivo comunicacional de Charaudeau (2008) adaptado para o texto literário, Mello (2006, p. 291) incluiu, “[...] no nível situacional, como sendo EUc, além do autor, um *scriptor*”, visto que há uma diferença entre *autor* e *escritor*. Ainda segundo Mello (2006), o *scriptor* é aquele que exerce uma *função literária*, ele é a passagem entre o EUc e o EUe. “Ele se inscreve neste hiato existente entre esses sujeitos. É a figura que materializa o projeto de fala, que o *executa*.” (MELLO, 2006, p. 292, grifo nosso).

Embora Charaudeau (2008) tenha postulado que o autor-escritor é um EUc, com base em Peytard (2007 [1983]) e Mello (2006), acreditamos que seu papel e suas características estão muito próximas das do *scriptor*, o que nos obriga a situar o autor-escritor (AE) e o leitor-possível (LP) como instâncias entre autor-indivíduo (AI)/leitor-real (LR) e narrador (ND)/narratário (NT), ou seja, entre o EUc/TUi e o EUe/TUd. A nosso ver, a noção de *scriptor* pode ser equiparada à noção de autor-escritor, uma vez que uma ou outra:

[...] na maior parte do tempo, só transparece através da *ordenação geral da narrativa*, [mas não] de seu ‘processo de narração’. Esse processo revela o *projeto de escritura* e o *saber escrever* do *escritor*. O escritor é, então, testemunha de seu próprio ato de escritura e, através dela, de sua ideologia sócio-artística. (CHARAUDEAU, 2008, p. 186, grifos nossos e do autor).

Ou ainda, segundo Charaudeau (2012), o *autor* e o *leitor* de Peytard correspondem aos sujeitos que têm “[...] uma identidade social e uma experiência de vida. O *Autor*, para mim, o *escritor*, corresponde ao *Scriptor* de Peytard.” (CHARAUDEAU, 2012, p. 49). E o que Charaudeau (2008) chama de *circuito externo* “[...] da *Situação de comunicação*, com seu sujeito duplo (*Pessoa* e *Escritor*), engloba as duas instâncias, *situacional* e *ergo-textual* de Peytard com os sujeitos *Autor* e *Scriptor*.”⁷ (CHARAUDEAU, 2012, p. 49, traduções nossas).

Equiparando *scriptor* e autor-escritor (*auteur-écrivain*), manteremos a premissa de que

⁷ As duas passagens do texto original, sem omissões: *L'Auteur et le Lecteur de Peytard correspondent aux miens en tant que personne ayant une identité sociale et une expérience de vécu. L'Auteur, pour moi, l'écrivain, correspond au Scribeur de Peytard. En revanche, ce que j'appelle l'espace externe de la Situation de communication, avec son sujet double (Personne et Écrivain), englobe les deux instances, situationnelle et ergo-textuelle de Peytard avec les sujets Auteur et Scribeur.*

o autor-escritor é a passagem do autor-indivíduo para o narrador. Em seu trabalho sobre o tempo narrativo, Costa (2010) usou a categoria de autor-escritor para se referir à instância que escreve o texto (no caso, um romance). O autor-escritor é a entidade já posicionada em seu trabalho com a palavra. O termo englobou ainda este cunhado por Peytard (2007 [1983]), o *scriptor*.

A figura do autor-escritor pode muito bem ser confundida com a do autor-indivíduo e com a do narrador, pois ele – enquanto um *scriptor* – está posicionado entre a *pessoa que quer falar* e o que é *dito* (lembramos que o narrador não é só uma instância que *fala na história/obra*, ele é também *conteúdo dessa história/obra*). Esse autor-escritor é ao mesmo tempo uma *entidade que diz* e o modo do próprio *dizer*. Ele exerce uma função que caracteriza a imersão do sujeito no discurso literário/narrativo e que cria condições para que esse discurso se movimente. O autor-escritor é um invólucro discursivo.

Uma vez que há diferença entre o autor com *identidade social* e o autor com *função sociodiscursiva*, notamos que o primeiro obstáculo ao estudioso de uma narrativa escrita é distinguir a pessoa do autor da do narrador. Essas considerações levaram Costa (2010) a complementar o quadro apresentado por Mello (2006) e Charaudeau (2008) em uma análise da narrativa que considerasse a premissa barthesiana de que em qualquer comunicação linguística, tanto em seu espaço externo quanto interno, “[...] *eu* e *tu* são absolutamente pressupostos um pelo outro” (BARTHES, 1971, p. 45), o que nos leva a ver que o *scriptor* tem como seu parceiro um leitor que virtualmente encerra as *competências de leitura* necessárias para a apreensão da obra. Esse leitor seria aproximadamente o que Peytard (2007 [1983]) classificou como *lector*.

Distinguir as instâncias de sujeito é importante por uma questão teórico-metodológica: saber quais recursos de linguagem são operados em cada instância, e distinguir o que é do plano da *escrita/leitura* e o que é do plano da *história* propriamente dita. Há uma série de recursos de linguagem que são extradiegéticos, e são operados pelo *autor-escritor*, não pelo *narrador*. De fato, até o narrador é um recurso de linguagem. Os efeitos de sentido extraídos então sofrem influência dessa partição, e, embora ela seja irrelevante para o leitor que busque apenas a fruição da obra de textos narrativos, é de importância para o analista.

Considerações Finais

As condições de produção de obras narrativas como as da Literatura, do Cinema ou dos Quadrinhos, por exemplo, são, em essência, diferentes entre si e das condições de

qualquer outro ato de linguagem, pois as instituições discursivas têm os seus ritos legítimos responsáveis por estabelecer o posicionamento dos autores, a sua identidade, o tipo de materialização do discurso, e as características contratuais.

Nessas instituições discursivas que citamos, o espaço de troca languageira é, assim, constituído por uma situação de comunicação monolocutiva ou monologal: os parceiros e protagonistas do ato de linguagem estão distantes no tempo e no espaço, pois a obra de textos narrativos chega às mãos do leitor muito depois. Nesse ato de linguagem monolocutivo, os sujeitos são restringidos de maneiras distintas: o autor planeja sua produção em inúmeras etapas, mesmo se a produção for de apenas uma tirinha diária veiculada em jornal. Dependendo da obra, o autor-escritor se depara com o seu leitor-possível inúmeras vezes no decorrer do processo de produção, pois a atividade de escrita de certas obras pode ser demorada, fragmentada, alterando-se no processo a imagem de cada sujeito. Antes de ser lida, a obra não é senão a possibilidade de obra.

A enunciação em textos narrativos nos oferece diversos desafios de análise. Um deles seria tratar do desdobramento do sujeito nas instâncias que mostramos acima, indo do plano mais “real” ao mais “textual”. Outro desafio, atrelado ao primeiro, é que em cada instância podem ainda ocorrer processos de construção de sentido que diversificam a imagem de cada sujeito nessas instâncias, como, por exemplo, os múltiplos lugares da instância situacional, ou as inúmeras formas de falar dos autores, alterando a percepção do projeto de fala do *scriptor* e, portanto, sua imagem.

Na instância ergo-textual, é o trabalho com a linguagem própria dos textos narrativos que cria a categoria de autor de obras narrativas (romancista, quadrinista, novelista, piadista, etc.). Conhecer a semiótica dos textos narrativos, tomar a fala, instituir uma obra segundo as regras de um gênero, ou até mesmo instituir variação nessas regras, estabelecer um contrato com um tipo de leitor, legitimar-se como autores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, R. La double nature de l’image d’auteur. *Argumentation et Analyse du Discours*. [On line], n. 3, p. 1-13, 2009. Disponível em: <http://aad.revues.org/662>. Acesso em: 04 nov. 2012.

BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: _____. et al. *Análise estrutural da narrativa: seleção de ensaios da revista Communications*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971, p. 18-58.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 2008.

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. 2ª. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H. et al. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD-FALE/ UFMG, 2001, p. 23-38.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Orgs). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 13-41.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. Histoire d'un emprunt. Histoire d'une coïncidence: un hommage à Jean Peytard. In: *Synergies Monde*, n. 10, 2012. Anais do colóquio Miroir: Un hommage à Jean Peytard: précurseur de l'analyse de discours et de la didactique des langues, 2012. Disponível em: <http://ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Monde10/charaudeau.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2013.

COSTA, L. P. A. *Uma abordagem semiolinguística da narrativa: o "tempo narrativo" na instituição literária*. 2010. 72 p. Monografia (Licenciatura em Letras). Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.

COSTA, L. P. A. *O Alienista, de Fábio Moon e Gabriel Bá: uma análise do discurso quadrinístico*. 2013. 213 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.

D'ONOFRIO, S. Elementos estruturais da narrativa. In: _____. *Teoria do texto I: prolegômenos e teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1999, p. 53-104.

ECO, U. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

FARACO, C. A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 37-60.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?*. 2ª ed. Trad. António Fernando de Miranda e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1992.

GENETTE, G. *Nouveau discours du récit*. Paris: Éditions du Seil, 1983.

LOZANO; PEÑA-MARÍN; ABRIL 2002

LOZANO, J.; PEÑA-MARÍN, C.; ABRIL, G. *Análise do discurso: por uma semiótica da interação textual*. São Paulo: Littera Mundi, 2002.

MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. Analyse du discours et littérature: problèmes épistémologiques et institutionnels. *Argumentation et Analyse du Discours* [On line], n. 1, 2008. Disponível em: <http://aad.revues.org/index351.html>. Acesso em: 2 março 2010. MAINGUENEAU 2010

MELLO, R. A Análise do discurso e suas interseções com a crítica literária. In: MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W; MENEZES, W. (Org.) *Análise do discurso: gêneros, comunicação, e sociedade*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2006; p. 287-297.

MELO, M. S. S. *Estratégias discursivas em publicidade de televisão*. 2003. 302 f. Tese

(Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.

PEYTARD, J. La place et le statut du 'lecteur' dans l'ensemble 'public'. *Semen*, n. 1, 1983. Versão *on line* de 2007. Disponível em: <http://semen.revues.org/4231>. Acesso em: 04 de janeiro de 2012.

SANTOS, L. A. B.; OLIVEIRA, S. P. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

STIERLE, K. Que significa a recepção dos textos ficcionais? In: JAUSS, H. R. *et al. A literatura e o leitor*: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 119-171.